

A MANIFESTAÇÃO DO REINO DE DEUS NA TERRA SEGUNDO O EVANGELHO DE LUCAS: O CUIDADO DOS NECESSITADOS

SILVA, Ewerton Ferreira da¹

Roberto Rohregger²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal fazer uma análise da ação social do Reino de Deus na Terra tendo como base o evangelho de Lucas, utilizando para tanto a pesquisa bibliográfica como método principal de pesquisa. A conclusão da pesquisa direciona ao entendimento de que o Reino de Deus apresentado por Jesus Cristo manifesta-se no mundo em direção a todos os necessitados: pobres, famintos, oprimidos, doentes, de tal modo que esta característica do Reino de Deus é essencial para entender o funcionamento deste na Terra. A importância em estabelecer a relação entre Reino de Deus e o cuidado com os necessitados reside no fato de que Jesus Cristo divulgou o Reino de Deus como proposta de salvação do homem como um todo, ou seja, salvar o homem no corpo, alma e espírito e que esta dimensão social do Reino de Deus pode ser comprovada a partir do que o evangelista Lucas registra sobre Jesus no evangelho de mesmo nome.

Palavras-chave: Reino de Deus. Necessitados. Evangelismo. Evangelho de Lucas.

1 INTRODUÇÃO

Como o Reino de Deus manifesta-se na Terra segundo a visão do evangelista Lucas? Certamente que esta manifestação ocorreu em vários aspectos e causou um grande impacto na vida de todos aqueles que habitavam a região da Judéia nos tempos de Jesus Cristo. Porém existe um equívoco ao pensar que esta manifestação do Reino de Deus ocorreu apenas no campo espiritual. Segundo Boff (2012, p.46) “Reino de Deus, ao contrário do que muitos cristãos pensam, não significa algo de puramente espiritual ou fora deste mundo. É a totalidade desse mundo material, espiritual e humano agora introduzido na ordem de Deus”.

¹ Graduando em Teologia no Centro Universitário Internacional UNINTER.

² Professor no Centro Universitário Internacional UNINTER

Quando lemos o evangelho de Lucas podemos perceber que a manifestação do Reino de Deus na Terra foi além do aspecto espiritual e atingiu todas as demais esferas da vida humana, incluindo a esfera social. Sabemos que Jesus Cristo enfatizou o cuidado dos pobres e foi ao encontro dos necessitados, dos carentes, dos marginalizados da sociedade judaica. O ponto que queremos refletir neste artigo é fazer a relação entre a manifestação do Reino de Deus na Terra com o cuidado com os pobres, visto que na igreja brasileira atualmente existe um tipo de retrocesso, onde aqueles que a frequentam ficam presos dentro das paredes do tempo e parecem fechar os olhos para as mazelas sociais que os cercam.

Não se trata apenas de cuidar dos pobres, não é apenas uma ação social, é antes de tudo uma conscientização de que quando eu vou ao encontro das necessidades daqueles que estão em estado de pobreza, seja qual for o tipo de pobreza, estou fazendo muito mais do que uma simples caridade e sim cumprindo minha missão enquanto seguidor de Cristo, ou seja, estou manifestando o Reino de Deus para as pessoas, pois esta é a missão que Jesus exerceu enquanto esteve aqui nesta Terra e que ele delegou para a igreja que aqui seria representante e testemunha dele. Desse modo,

A Igreja não pode viver em função de si mesma, de suas atividades ou de seu quadro de obreiros. Ela é chamada a viver em função da causa que lhe foi confiada, ou seja, a missão de Deus neste mundo, assim como Jesus a revelou, pregou e viveu. (HOEFELMANN, 1988):

Se a igreja não se preocupa com este aspecto social de cuidadora dos fracos e indefesos, não pode considerar-se como integrante do Reino de Deus. O ponto chave deste artigo é fazer relação direta entre os conceitos de Reino de Deus, cuidado dos pobres, evangelismo e salvação, para destacar que o Reino de Deus se manifesta na medida em que vai ao encontro do pobre, do carente, do marginalizado, daquele que é desprezado e rechaçado pela sociedade.

Desse modo, escolhemos o eixo de pesquisa denominado Missão Integral da Igreja de modo a fornecer um embasamento teórico para que a igreja tenha condições de cumprir a função de agente social que possui no mundo onde está inserido. Quando temos consciência de que o Reino de Deus tem poder de transformar a nossa sociedade, passamos a encontrar meios de exercê-lo de fato.

Porém precisamos entender a visão bíblica do Reino de Deus manifesto na Terra, por isso escolhemos o Evangelho de Lucas para fazermos esta reflexão, pela visão humana que Lucas faz sobre Jesus Cristo, por isso o principal objetivo da pesquisa que gerou este artigo científico é justamente promover a análise da atuação social do Reino de Deus conforme a visão do evangelista Lucas.

2 RELAÇÃO ENTRE A REVELAÇÃO DO REINO DE DEUS NA TERRA E O CUIDADO DOS POBRES

O evangelista Lucas possui algumas peculiaridades que o diferencia dos demais escritores bíblicos, uma delas é que o mesmo é o único escritor que não é judeu, mas sim de procedência grega. Outra peculiaridade é a formação acadêmica de Lucas, visto ser ele médico, e podemos perceber que esta formação está presente ao longo do evangelho, quando o mesmo utiliza termos técnicos da medicina que não encontramos em outro evangelho. Podemos destacar ainda o fato de que Lucas escreve para o público grego, que desenvolveu a filosofia, de modo que os gregos davam importância para a formação do homem como um todo, de modo que eles possuíam um modelo ideal de homem e Lucas no evangelho que leva o nome dele, vem justamente apresentar Jesus Cristo como este modelo de homem.

Este lado humano de Jesus é apresentado quando Jesus se aproxima das pessoas, quando demonstra interesse e preocupação com o desamparado, com o rejeitado, com aquele que não tem condições de defender-se. Evangelizar os pobres e anunciar a libertação oferecida pelo Reino de Deus era missão crucial para Jesus Cristo, conforme lemos na passagem bíblica a seguir:

Jesus foi para Nazaré, onde havia sido criado. Num sábado, entrou na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Então lhe deram o livro do profeta Isaías. E, abrindo o livro, achou o lugar onde está escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e proclamar o ano aceitável do Senhor. ” Tendo fechado o livro, Jesus o devolveu ao assistente e sentou-se. Todos na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Então Jesus começou a dizer: Hoje se cumpriu a Escritura que

vocês acabam de ouvir. Lc 4,16-21 (BIBLIA SAGRADA, Nova Almeida Atualizada, 2017)

A palavra grega traduzida por evangelho significa boa nova ou boa notícia, de maneira que para aquele grupo de pessoas carentes descritas na porção do livro de Isaías e lida por Jesus na sinagoga, ouvir uma boa notícia era o que mais necessitavam, alguém que lhes pudesse dizer que aquela situação de necessidade chegaria ao fim.

Naquele momento Jesus demonstra qual seria sua próxima missão pelos próximos anos em que estava na Terra: a salvação de todo aquele que se havia perdido. Sendo assim,

O primeiro aparecimento público de Jesus na sinagoga de Nazaré tem um sentido programático: proclama a utopia do ano de graça do Senhor que se historiciza em libertações bem concretas para os oprimidos e cativos (Lc 4,16-21). A ênfase, no anúncio/programa, recai na infraestrutura material. O Messias é aquele que realiza a libertação dos infelizes concretos: são felizes os pobres, aqueles que sofrem, os que tem fome e são perseguidos, não porque sua condição encarne um valor, mas porque sua situação de injustiça representa um desafio à justiça do Rei messiânico. Deus, através de Jesus, tomou o partido deles. O Reino como libertação do pecado pertence ao eixo da pregação de Jesus e do testemunho dos apóstolos (Lc 24,47; At 2,38; 5,31; 13,38), mas não pode ser interpretado de forma reducionista, amputando a dimensão infraestrutura que Lucas sublinhou em Jesus: aquela social e histórica. O Jesus histórico assumiu o projeto dos oprimidos, que é de libertação, e também os conflitos que aí se acham implicados. (BOFF,2012, p.26 e 27)

No momento em que Jesus anuncia aos presentes na sinagoga que a missão dele seria em direção aos menos favorecidos, Lucas enfatiza que tudo o mais que seria relatado sobre Jesus no restante do evangelho teria esta ideia como parâmetro. Conseqüentemente,

O modo de Lucas apresentar a rejeição de Jesus em Nazaré é peculiar. Os outros evangelhos sinóticos apresentam o tema em certa altura do ministério de Jesus e de modo bem resumido (Mt 13,53-58; Mc 6,1-6). Em Jo 4,44 consta tão somente a máxima de que um profeta não tem honra em sua própria terra. Lucas, por sua vez, apresenta esse episódio logo no início de seu evangelho como primeiro discurso e de modo mais extenso. Por essa razão os intérpretes reconhecem o caráter programático desse

texto, isto é, Lucas pretende colocar esse discurso inaugural como resumo e essência do ministério de Jesus, e como referencial para sua obra completa— Lucas-Atos. (MACHADO,2016):

Lucas detalha este episódio de Jesus na sinagoga de Nazaré como uma espécie de prelúdio do ministério de Jesus: aos pobres o evangelismo, aos cativos e oprimidos a liberdade, aos que sofrem por alguma doença a restauração física.

A visão de Lucas acerca de Jesus Cristo como Filho do Homem, destacando o lado humano de Cristo, nos ajuda a compreender a relação entre o Reino de Deus e o cuidado dos pobres, pois revela um Cristo cheio de compaixão que se preocupa com o ser humano de forma integral, ou seja, Jesus oferece um tipo único de salvação que não se restringe apenas à alma, mas traz cura para o corpo, bem-estar humano e respeito à dignidade da pessoa humana.

O Reino de Deus está perto de todos, mas está mais próximo ainda do necessitado, do humilde, do fraco, do marginalizado. Jesus anunciava o Reino de Deus por meio de palavras e ações, quando estendia a mão para o doente, para a mulher, para a criança, para o aleijado, para o leproso, para todo aquele que era desprezado pela sociedade daquele tempo. Sendo assim,

O próprio Jesus não consiste em proclamar que o Reino há de vir, mas em que por sua presença e atuação o Reino já está perto (Mc 1,15) e no meio de nós! (Lc 17,21). O projeto fundamental de Jesus é, portanto, proclamar e ser instrumento da realização do sentimento absoluto do mundo: libertação *de* tudo o que estigmatiza: opressão, injustiça, dor, divisão, pecado, morte; e libertação *para* a vida, comunicação aberta do amor, a liberdade, a graça e a plenitude em Deus. (BOFF, 2012, p.25 e 26)

Jesus enfatizava a necessidade de anunciar o evangelho do Reino de Deus, uma boa notícia para todos os oprimidos e marginalizados, para os explorados e que já haviam perdido todas as esperanças e tinha absoluta consciência desta missão que o Pai havia designado. Vemos essa urgência de Jesus em anunciar o evangelho na seguinte passagem bíblica:

Quando amanheceu, Jesus saiu e foi para um lugar deserto. As multidões o procuravam, foram até junto dele e não queriam deixar que ele

fosse embora. Jesus, porém, lhes disse: É necessário que eu anuncie o evangelho do Reino de Deus também nas outras cidades, pois é para isso que fui enviado. E pregava nas sinagogas da Judeia. Lc 4,42-44 (BIBLIA SAGRADA, Nova Almeida Atualizada, 2017)

O evangelho de Lucas evidencia esta compaixão de Jesus por aqueles mais simples, mas humildes, aquelas classes sociais que estavam à mercê da exploração e injustiça e podemos notar isto quando Jesus faz o seguinte discurso: “Bem-aventurados são vocês, os pobres, porque o Reino de Deus é de vocês. Bem-aventurados são vocês que agora têm fome, porque serão saciados. Bem-aventurados são vocês que agora choram, porque vocês hão de rir.” - Lc 6:20,21 (BIBLIA SAGRADA, Nova Almeida Atualizada, 2017).

Na passagem bíblica citada anteriormente está claro a ideia de Jesus em relação aos pobres, afirmando categoricamente que a eles pertence o Reino de Deus de tal modo que não existe espaço para qualquer tipo de dúvida ou objeção quanto ao caráter social do Reino de Deus, pois o próprio Rei afirmar quem são os donos deste Reino. Posto isto,

Por suas atitudes Jesus encarna o Reino e corporifica o amor do Pai. Se se aproxima daqueles que todos evitam, como os pobres, pecadores públicos, impudicos, bêbados, leprosos, meretrizes, em uma palavra, os marginalizados social e religiosamente, não é por um mero espírito humanitário, mas porque historicamente a atitude amorosa do Pai para com esses pequenos e pecadores. Sua situação não representa a estrutura final da vida. Não estão definitivamente perdidos. Deus pode libertá-los. (BOFF,2012, p. 27 e 28)

Observamos que Jesus deixa claro que o Reino de Deus pertence ao pobre, chamando-os de bem-aventurados, que no original grego significa felizes. Note que Jesus ainda chama de bem-aventurados aqueles que tem fome e que choram, pois terão suas necessidades satisfeitas. Seria irracional da parte de Jesus se este viesse somente para salvar as almas dos perdidos sem, contudo, demonstrar compaixão pelas mazelas físicas aos quais estavam submetidos. A proposta do Reino de Deus que Jesus oferece é de perdão dos pecados, salvação da alma perdida e restauração da dignidade humana refletida por meio da restauração da saúde e liberdade.

Mas Jesus não apenas se dirige ao pobre, mas igualmente ao rico, pois ao mesmo tempo que traz alívio ao sofrimento humano do pobre, denuncia a opressão dos ricos que fazem estes pobres sofrerem. Ao longo de todo o evangelho existe um contraste bastante evidenciado por Jesus entre o rico e o pobre, entre a classe elitista de Israel composta pelos Escribas e Fariseus e os publicanos e prostitutas; Por efeito,

Libertadora se mostra sua atuação nas relações sociais. A sociedade de sua época estava muito estratificada: distinguiam-se próximos e não próximos, puros e impuros, judeus e estrangeiros, homens e mulheres, observantes das leis e povo ignorante, homens de profissões de má fama, enfermos considerados pecadores. Jesus solidariza-se com todos eles e isto lhe vale difamações de glutão e beberrão, amigo de coletores de impostos e desacreditados (Mateus 11,19). O ataque impiedoso a teólogos, fariseus e a saduceus tem inequívoca relevância social. Declara bem-aventurados os pobres não por olhar a pobreza como virtude, mas porque, sendo ela fruto de relações injustas entre os homens, provoca a intervenção do Rei messiânico cuja primeira função é fazer justiça ao pobre e defender o fraco em seu direito. Rechaça também a riqueza que vê dialeticamente como consequência da exploração dos pobres. Por isso a qualifica simplesmente de desonesta (Lc 16,9). O ideal de Jesus não é nenhuma sociedade de opulência nem uma sociedade de pobreza, mas de justiça e fraternidade. (BOFF, 2012, p. 29)

Desde o começo, o ministério de Jesus tinha como objetivo ir ao encontro da população carente e explorada, daqueles que reconheciam seu estado de humildade e dependência da compaixão alheia, daqueles que se consideravam fracos e que não tinham condições de reagir ante as injustiças da sociedade, daqueles que reconheciam a necessidade pessoal de libertação em detrimento daqueles que se consideravam justos e que já tinham, na própria visão deles, garantido a salvação por meio da estrita observância à lei mosaica, como era o caso dos fariseus. Vamos observar a seguinte passagem bíblica:

Depois disso, Jesus saiu e viu um publicano, chamado Levi, sentado na coletoria. E lhe disse: Siga-me! Ele se levantou e, deixando tudo, o seguiu. Então Levi lhe ofereceu um grande banquete em sua casa; e era grande o número de publicanos e outras pessoas que estavam com eles à mesa. Os fariseus e seus escribas murmuravam contra os discípulos de Jesus, perguntando: Por que vocês comem e bebem com os publicanos e pecadores? Jesus tomou a palavra e disse: Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes. Não vim chamar justos, e sim pecadores, ao arrependimento. Lc 5:27-31 (BIBLIA SAGRADA, Nova Almeida Atualizada, 2017)

Neste texto a reação da classe elitista dos fariseus ao verem Jesus comendo com pessoas que aos olhos deles eram consideradas inferiores e desprezíveis era de indignação, evidenciando a visão preconceituosa que possuíam em relação às pessoas não pertencentes à mesma classe. Observe como o fato de Jesus comer com aquelas classes de pessoas causava espanto, estranheza e muitas vezes desprezo. Era como se os Fariseus pensassem: “Será que Jesus não sabe com quem está lidando? Não percebe que são pecadores, pessoas que devemos evitar?”

Os Fariseus e Escribas davam grande importância à santidade externa, ou seja, queriam mostrar o quanto eram pessoas santas por meio de atitudes externas. Por isso Jesus afirma que veio chamar pecadores ao arrependimento, pois reconheciam que eram pecadores que precisavam de perdão. Para os Fariseus, comer com pecadores era o mesmo que ser um deles, significava rebaixar-se ao mesmo nível deles. As diferentes reações ao evangelho anunciado por Jesus mostram que, de modo geral,

A boa notícia de Jesus é boa só para aqueles que se convertem; não o é para o fariseu que permanece fariseu, nem o é tampouco para os mantenedores da situação que consagrava as discriminações entre os homens. Para todos eles é má notícia. Por isso Jesus e seu anúncio dividem e isto pertence à essência do Reino: nele se entra mediante a ruptura e a mudança deste mundo e não prolongando sua estrutura. Jesus se dirige a todos, mas concretamente aos pobres sendo um deles e assumindo sua causa, aos fariseus desmascarando sua autossuficiência, aos ricos denunciando o mecanismo de sua injustiça e sua mamonolatria. (BOFF, 2012, p.32)

Esta pretensa santidade que afasta a pessoa do mais necessitado fazia com que Jesus chocasse a opinião pública, quando ia em direção oposta ao que se esperaria de um Rabino, de modo que Jesus evidenciava que quem se tornaria cidadão do Reino de Deus é justamente aquelas pessoas desprezadas pelos Fariseus, conforme lemos na seguinte passagem:

Ao ouvir tais palavras, um dos que estavam à mesa com Jesus lhe disse: Bem-aventurado aquele que participar do banquete no Reino de

Deus. Jesus, porém, respondeu: Certo homem deu uma grande ceia e convidou muitos. À hora da ceia, enviou o seu servo para avisar aos convidados: “Venham, porque tudo já está preparado.” Mas todos eles, um por um, começaram a apresentar desculpas. O primeiro disse: “Comprei um campo e preciso ir vê-lo; peço que me desculpe.” Outro disse: “Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las; peço que me desculpe.” E outro disse: “Casei-me e, por isso, não posso ir.” O servo voltou e, contou tudo ao seu senhor. Então, irado, o dono da casa disse ao seu servo: “Saia depressa para as ruas e becos da cidade e traga para cá os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos.” Mais tarde, o servo lhe disse: “Patrão, já fiz o que o senhor mandou, e ainda há lugar.” Então o senhor disse ao servo: “Saia pelos caminhos e atalhos e obrigue todos a entrar, para que a minha casa fique cheia. Porque digo a vocês que nenhum daqueles homens que foram convidados provará a minha ceia.” Lc 14,15-24 (BIBLIA SAGRADA, Nova Almeida Atualizada, 2017)

Note que os convidados para a grande ceia não deram tanta importância ao convite, dando prioridade a questões pessoais, de maneira que o dono da festa ocupa os lugares deixados pelos convidados com os pobres, aleijados e coxos. Jesus estende o convite a todos para receberem o Reino de Deus, mas tinha convicção que os fariseus e escribas, os mais abastados da sociedade israelita não teriam condições de fazê-lo justamente porque não se sentiam necessitados desta salvação e davam muito mais importância às posses materiais. Portanto,

No quadro da sociedade da época, caracterizado pelas grandes diferenças sociais, Lucas sublinha que Jesus é o messias dos pobres, que a rede de relações que qualifica sua existência é determinada pela presença de gente mísera, mesmo que a pobreza de Jesus seja mais ampla que a estritamente econômica, pois implica em não poder dispor de seu tempo (Lc 4,14-15; 6,17-19), em ser condenado sem defesa à morte ignominiosa. O evangelista põe também em evidência que tal situação de pobreza é um mal que deve desaparecer do Reino, que no *eschaton* Deus exercerá suas prerrogativas reais, reabilitando os pobres, reconhecendo seus direitos que neste mundo são conculcados. Os pobres são declarados bem-aventurados, não pelas suas qualidades morais ou religiosas, mas porque sua miséria comove o coração de Deus (Lc 6,20). (CASALEGNO, 1988)

O cerne das críticas de Jesus aos fariseus não era em relação às práticas de observância da lei mosaica, mas sim pela hipocrisia apresentada por eles, visto que cometiam injustiças com os pobres e tentavam justificar-se fazendo atos piedosos aos próprios olhos (como podemos ver na crítica de Jesus em Lc 12,1-3). Jesus a todos convida para fazer parte do Reino de Deus, de maneira que os fariseus,

Como representantes da religião e da sociedade, eles devem posicionar-se diante da oferta graciosa e da exigência do reino de Deus conforme anunciado por Jesus. No entanto, eles julgaram não precisar da graça de Deus. Consideraram-se justos. Por isso rejeitam o convite. Jesus, no entanto, faz uma outra leitura da sua reação: a oferta do reino tem consequências, pois significa deixar de lado as coisas pelas quais o coração bate. E eles são pessoas muito com prometidas e com muitos interesses e privilégios a defender. Um acaba de comprar um campo, privilégio de poucos num período de grande concentração de terra e de muitos diaristas na praça, que dão graças a Deus quando encontram trabalho para saciar a fome. Outro acaba de comprar, de uma só vez, cinco juntas de bois para trabalhar a terra. Normalmente um camponês tem 1 a 2 parcelas de bois. O homem que se desculpa é dono de uma propriedade considerável, e provavelmente pode servir-se de terceiros para ocupar tantas juntas de bois. Outro não tem tempo porque está entregue às delícias do amor. Os exemplos utilizados por Jesus poderiam ser ampliados. A intenção deles é clara: Jesus está se referindo àqueles que se utilizam da religião como arma ideológica para justificar, a partir de Deus, a estrutura social e política da sociedade israelita. São eles que colocam as pessoas a serviço da lei. São eles que controlam o sistema do puro e do impuro, que é um princípio de inclusão e exclusão de grande repercussão social. São eles que vendem o perdão de Deus no templo a um preço compensador. Por isso não podem ir. Assim as autoridades religiosas reagem quando são confrontadas com a oferta e a exigência do reino de Deus: com desprezo e indiferença. (HOEFELMANN,1988)

Este contraste entre Fariseus e os demais pecadores mostra o pensamento de Jesus Cristo quanto ao pobre e que o evangelho do Reino de Deus visa trazer salvação para a alma, mas também ajudar o necessitado. O evangelho traz salvação e com ele o suprimento das necessidades humanas. Quando alguns discípulos de João Batista indagaram Jesus Cristo se o mesmo era o Messias Prometido, a reação de Jesus foi mostrar qual é a marca principal da vinda do Messias conforme lemos na passagem bíblica a seguir:

Todas estas coisas foram relatadas a João pelos seus discípulos. E João, chamando dois deles, enviou-os ao Senhor para perguntar: Você é aquele que estava para vir ou devemos esperar outro? Quando os homens chegaram a Jesus, disseram: João Batista nos enviou para perguntar: O senhor é aquele que estava para vir ou devemos esperar outro? Naquela mesma hora, Jesus curou muitas pessoas de doenças, de sofrimentos e de espíritos malignos; e deu vista a muitos cegos. Então Jesus lhes respondeu: Voltem e anunciem a João o que vocês viram e ouviram: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e aos pobres está sendo pregado o evangelho. E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço. Lc 7, 18-23. (BIBLIA SAGRADA, Nova Almeida Atualizada, 2017)

Jesus pregava o evangelho, mas curava os doentes, expulsava os demônios dos oprimidos, numa atitude de misericórdia com a população miserável. A marca principal da chegada do Messias era os sinais de cura e restauração, de modo que

João Batista saberia reconhecer que Jesus é o Cristo por meio destes sinais. Não era uma simples mensagem vazia, mas o evangelho era o poder de Deus manifesto por meio de Jesus para libertar os oprimidos.

O próprio Jesus Cristo era pobre e isto podemos perceber desde o seu nascimento, quando os pais dele não tinham um local adequado para acomodá-lo e por fim tiveram de colocar em uma manjedoura. Jesus nasceu em meio a animais, a fezes de animais e ainda foi colocado em um lugar onde os animais comiam, de maneira que as condições higiênicas onde ele nasceu eram as piores possíveis (v. Lc 2,1-7). Quando uma pessoa perguntou a Jesus sobre a possibilidade de tornar-se discípulo dele, Jesus afirma: “Mas Jesus lhe respondeu: As raposas têm as suas tocas e as aves do céu têm os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” – Lc 9:58 (BIBLIA SAGRADA, Nova Almeida Atualizada, 2017)

Jesus soube cuidar dos pobres porque era um deles, porque vivia o que eles viviam, porque tinha experiência suficiente para colocar-se no lugar daqueles que sofriam. Jesus não apenas cuidava dos pobres, mas ensinava que é dever daqueles mais abastados o cuidado dos pobres, visto que isto é agradável aos olhos de Deus. Certo homem rico perguntou a Jesus:

Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Jesus respondeu: Por que você me chama de bom? Ninguém é bom, a não ser um, que é Deus. Você conhece os mandamentos: “Não cometa adultério”, “não mate”, “não furtar”, “não dê falso testemunho”, “honre o seu pai e a sua mãe”. Então o homem disse: Tudo isso tenho observado desde a minha juventude. Ouvindo isso, Jesus lhe disse: Uma coisa ainda falta a você: venda tudo o que tem, dê o dinheiro aos pobres e você terá um tesouro nos céus; depois, venha e siga-me. Mas, ouvindo ele estas palavras, ficou muito triste, porque era riquíssimo. Jesus, vendo-o assim triste, disse: Como é difícil para os que têm riquezas entrar no Reino de Deus! Porque é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus. Os que ouviram isto perguntaram: Sendo assim, quem pode ser salvo? Mas Jesus respondeu: O que é impossível para o ser humano é possível para Deus. Então Pedro disse: Eis que nós deixamos nossa casa e seguimos o senhor. Jesus lhes respondeu: Em verdade lhes digo que não há ninguém que tenha deixado casa, mulher, irmãos, pais ou filhos, por causa do Reino de Deus, que não receba, no presente, muitas vezes mais e, no mundo por vir, receberá a vida eterna. – Lc 18,18-30 (BIBLIA SAGRADA, Nova Almeida Atualizada, 2017)

Veja que Jesus aprova a conduta do homem rico, porém faltava algo mais prático, uma ação mais social em direção ao necessitado e conhecendo o coração do homem rico lhe propõe o desafio de vender todos os bens que possuía e repartir

com os pobres. O desafio de Jesus consistia justamente em ver se aquele homem dependia das riquezas como fonte de segurança ou se estava disposto a abrir mão de tudo em favor do Reino de Deus.

Ante a reação de tristeza do homem rico, Jesus usa uma hipérbole para afirmar que é mais fácil um camelo passar por um fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus, não pelo fato da pessoa ser rica em si, mas porque normalmente aquele que é rico ou é tomado por sentimentos de vã avareza, o que a impede de ser caridoso com o mais carente, ou confia tanto no poder das riquezas que faz dela o seu deus.

Logo em seguida os discípulos questionam Jesus sobre o fato de terem renunciado tudo pela causa de Cristo, quando Jesus afirma que aqueles que renunciam a tudo nesta Terra serão recompensados por Deus. Veja o contraste dos discípulos com o homem rico, visto que enquanto os discípulos estavam dispostos a renunciar a todos os bens materiais por causa de Cristo, o homem rico sente-se triste ao ouvir que precisava repartir com os pobres, visto ser ele possuidor de muitos bens.

Este relato é corroborado por outro do mesmo evangelho, onde Jesus é abordado por dois homens que precisavam resolver uma situação sobre partilha de herança. Veja como Jesus ressalta a questão da avareza, que o valor de um homem não se encontra na quantidade de bens que possui e ao falar sobre uma parábola, mostra que o desejo egoísta de acumular bens não é de muito proveito no fim de tudo, visto que o homem quando morre nada leva consigo, mas as obras de caridade certamente serão observadas por Deus:

Nesse ponto, um homem que estava no meio da multidão disse a Jesus: Mestre, diga a meu irmão que reparta comigo a herança. Mas Jesus lhe respondeu: Homem, quem me nomeou juiz ou repartidor entre vocês? Então lhes recomendou: Tenham cuidado e não se deixem dominar por qualquer tipo de avareza, porque a vida de uma pessoa não consiste na abundância dos bens que ela tem. E Jesus lhes contou ainda uma parábola, dizendo: O campo de um homem rico produziu com abundância. Então ele começou a pensar: "Que farei, pois não tenho onde armazenar a minha colheita?" Até que disse: "Já sei! Destruirei os meus celeiros, construirei outros maiores e aí armazenarei todo o meu produto e todos os meus bens. Então direi à minha alma: 'Você tem em depósito muitos bens para muitos anos; descanse, coma, beba e aproveite a vida.'" Mas Deus lhe disse: "Louco! Esta noite lhe pedirão a sua alma; e o que você tem preparado, para quem será?" Assim é o que ajunta tesouros para si mesmo, mas não é rico para com Deus. – LUCAS 12:13-21(NAA).

Observe como Jesus reprova a atitude de acumular riquezas sem levar em conta as questões sociais, denotando o egoísmo daquele que tem riquezas. Veja como nesta parábola Jesus ensina o fato de que a pessoa rica que não ajuda o necessitado, mas somente se interessa em desfrutar dos benefícios de uma vida luxuosa, no final de tudo será julgado por Deus, visto que as coisas materiais de mundo são efêmeras e a nossa própria vida é passageira e na hora da morte a única coisa que vai nos acompanhar são as boas obras que fizemos aqui na Terra.

Quando Jesus enfatiza o fato de que o homem rico irá morrer e tudo o que havia acumulado iria permanecer nesta Terra, Jesus ensinava as pessoas a serem caridosas e repartirem com os mais necessitados, mostrando que tal atitude traria recompensas da parte de Deus, ou seja, tais pessoas não teriam tesouros terrenos, mas recompensas celestiais, o que Jesus chama de “ser rico para com Deus”.

Diante da efemeridade das coisas materiais e a expectativa de um mundo vindouro e perfeito, Jesus incentiva seus ouvintes a serem caridosos, desprendendo-se de tudo que poderia afastá-los do verdadeiro objetivo, qual seja, viver no céu com Deus e gozar de todas as benesses advindas desta relação, conforme podemos ler na passagem bíblica a seguir:

Portanto, não fiquem perguntando o que irão comer ou beber e não fiquem preocupados com isso. Porque os gentios de todo o mundo é que procuram estas coisas; mas o Pai de vocês sabe que vocês precisam delas. Busquem, antes de tudo, o seu Reino, e estas coisas lhes serão acrescentadas. Não tenha medo, ó pequenino rebanho; porque o Pai de vocês se agradou em dar-lhes o seu Reino. Vendam os seus bens e deem esmola; façam para vocês mesmos bolsas que não desgastem, tesouro inesgotável nos céus, onde o ladrão não chega, nem a traça corrói, porque, onde estiver o tesouro de vocês, aí estará também o seu coração. – Lc 12:29-34 (BIBLIA SAGRADA, Nova Almeida Atualizada, 2017)

Jesus não condena a posse de riquezas, mas sim a ausência de prestação de auxílio ao necessitado, pois demonstra um pensamento extremamente individualista e egocêntrico. É possível que um cristão seja rico, ou pelo menos tenha meios de viver com dignidade, mas não é possível que um cristão seja avarento ao ponto de não cuidar dos pobres, visto que todo aquele que segue a Cristo deve ser uma pessoa cheia de misericórdia, de maneira que esta se traduza em ações concretas de caridade. Além disso, Jesus condena a riqueza obtida de forma ilícita por meio da

exploração do pobre, prática bastante comum na sociedade israelita. Por esse motivo,

Há condenação clara do caminho da apropriação da riqueza enquanto causa da existência da pobreza. Uma vez que existem ricos e pobres, como uma realidade não fatalista, mas histórica, fruto da iniciativa dos homens, uma vez que existem opressores e oprimidos, a igreja é chamada a optar, a definir-se. Talvez, em lugar de falar em “opção pelos pobres” seja mais compreensível falar de “defesa dos direitos dos fracos”. Quando se fala de direitos humanos, é mais que evidente a divisão que a nossa sociedade opera, é fácil reconhecer a diferença entre ricos e pobres. Se a sociedade reserva aos homens um duplo tratamento, deve existir também uma dupla pastoral, exigências diferentes de conversão, segundo o lugar que os homens ocupam. Dizer que todos são pessoas, que todos devem converter-se a Deus, que a todos é oferecida a salvação, sem considerar o lugar concreto ocupado, as relações de dominação existentes entre os homens, significa abstrair do mundo e da história, fazer uma pastoral abstrata que não atinge as pessoas não revela o problema fundamental da opressão e, em consequência, torna impossível a conversão. Temos dito que a solidariedade com os pobres é um caminho particular. De fato não é verdade. É o único caminho possível e, por isso, universal. Não significa exclusão dos ricos, mas apontar para eles a exigência dos pobres, que é a exigência de Deus: a abolição de uma estrutura social de opressão e espoliação. Os ricos podem salvar-se só desaparecendo enquanto opressores. (PERANI,2016):

Este tipo de riqueza que é proveniente da opressão do mais fraco sempre existiu na história humana, e foi base para a ascensão de muitos reinos e impérios, de modo que não era diferente na sociedade judaica, onde havia exploração do pobre de diversas maneiras possíveis, desde a violência à cobrança de altos impostos, desde o fariseu e o publicano da sociedade judaica ao imperador romano que governava a região da Judéia.

Em outra passagem bíblica, Jesus aconselha um dono de uma festa sobre a prática da caridade:

Depois Jesus disse ao que o havia convidado: Quando você der um jantar ou uma ceia, não convide os seus amigos, nem os seus irmãos, nem os seus parentes, nem os vizinhos ricos; para não acontecer que eles retribuam o convite e você seja recompensado. Pelo contrário, ao dar um banquete, convide os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos, e você será bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensá-lo. A sua recompensa você receberá na ressurreição dos justos. Lc 14,12-14 (BIBLIA SAGRADA, Nova Almeida Atualizada, 2017)

Veja que Jesus destaca duas posturas antagônicas, sendo uma delas a postura daquele que tem muitos bens e não divide com mais ninguém, agindo de maneira egoísta e desprezando as necessidades dos mais carentes e a outra da pessoa que ajuda o pobre, que cuida dos necessitados. Esta atitude de cuidado dos pobres é fruto do estabelecimento do Reino de Deus na Terra, de maneira que os cidadãos do Reino de Deus são pessoas que atendem aos ensinamentos de Cristo de ajudar o que mais precisa, de fornecer provisão para aquele que não tem condições de sustentar-se. Cuidar dos pobres é evidenciar o Reino de Deus, pois o Reino de Deus não é apenas um discurso, uma palavra, mas manifesta-se por meio de atitudes concretas em direção ao ser humano.

Ao lermos a parábola do rico e Lázaro, percebemos como Jesus faz o contraste entre o rico egoísta e o mendigo Lázaro e como a atitude egoísta do rico em não ajudar Lázaro trouxe implicações terríveis para o mesmo, mostrando assim que aquele que tem recursos materiais, mas não ajuda seu irmão pobre, não pode ser considerado cidadão do Reino de Deus:

Ora, havia certo homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo e que se alegrava todos os dias com grande ostentação. Havia também certo mendigo, chamado Lázaro, coberto de feridas, que ficava deitado à porta da casa do rico. Este desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico, e até os cães vinham lambê-lhe as feridas. E aconteceu que o mendigo morreu e foi levado pelos anjos para junto de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado. No inferno, estando em tormentos, o rico levantou os olhos e viu ao longe Abraão, e Lázaro junto dele. Então, gritando, disse: "Pai Abraão, tenha misericórdia de mim! E mande que Lázaro molhe a ponta do dedo em água e me refresque a língua, porque estou atormentado neste fogo." Mas Abraão disse: "Filho, lembre-se de que você recebeu os seus bens durante a sua vida, enquanto Lázaro só teve males. Agora, porém, ele está consolado aqui, enquanto você está em tormentos. E, além de tudo, há um grande abismo entre nós e vocês, de modo que os que querem passar daqui até vocês não podem, nem os de lá passar para cá." Então o rico disse: "Pai, eu peço que mande Lázaro à minha casa paterna, porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham também para este lugar de tormento." Abraão respondeu: "Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos." Mas ele insistiu: "Não, pai Abraão; se alguém dentre os mortos for até lá, eles irão se arrepender." Abraão, porém, lhe respondeu: "Se não ouvem Moisés e os Profetas, também não se deixarão convencer, mesmo que ressuscite alguém dentre os mortos." Lc 16,19-31 (BIBLIA SAGRADA, Nova Almeida Atualizada, 2017)

Agora algo que precisa ser ressaltado é que o cuidado dos pobres não traz a salvação da alma, visto que apenas a obra salvífica de Cristo é que faz isto, mas o contrário é verdadeiro, ou seja, a salvação que Jesus oferece causa uma mudança

radical na vida de quem recebe Jesus como salvador, conforme vemos no relato sobre Zaqueu:

Entrando em Jericó, Jesus atravessava a cidade. Eis que um homem rico, chamado Zaqueu, chefe dos publicanos, procurava ver quem era Jesus, mas não podia, por causa da multidão, por ser ele de pequena estatura. Então, correndo adiante, subiu num sicômoro a fim de ver Jesus, porque ele havia de passar por ali. Quando Jesus chegou àquele lugar, olhando para cima, disse: Zaqueu, desça depressa, porque hoje preciso ficar na sua casa. Zaqueu desceu depressa e o recebeu com alegria. Todos os que viram isto murmuravam, dizendo que Jesus tinha se hospedado com um homem pecador. Zaqueu, por sua vez, se levantou e disse ao Senhor: Senhor, vou dar a metade dos meus bens aos pobres. E, se roubei alguma coisa de alguém, vou restituir quatro vezes mais. Então Jesus lhe disse: Hoje houve salvação nesta casa, pois também este é filho de Abraão. Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido. – Lc 19:1-10 (BIBLIA SAGRADA, Nova Almeida Atualizada, 2017)

Observe que foi somente após o encontro com Jesus Cristo que Zaqueu toma a decisão de repartir metade dos bens que possuía com os pobres e restituir quadruplicamente o que havia roubado enquanto publicano, demonstrando assim que a salvação que Jesus havia trazido é que norteou as ações caridosas de Zaqueu, tornando-se assim um exemplo de que é possível ao rico entrar no Reino de Deus. Conseqüentemente,

O exemplo mostra apenas que os ricos não estão de antemão desqualificados para a salvação. Também para eles vale o chamado à conversão diante da oferta do reino de Deus. Entretanto, a graça redundante em juízo se dela não forem tiradas as devidas conseqüências. Zaqueu não entrou no reino de Deus como uma pessoa rica, e sim, como uma pessoa que devolveu o que havia roubado e com partilhou o restante dos seus bens com os pobres. (HOEFELMANN,1988):

O cuidado dos pobres apenas se justifica na medida que o ser humano recebeu o amor de Deus e entendeu que o Reino de Deus é muito mais do que uma simples expectativa de um mundo vindouro, mas materializa-se por meio da compaixão por aqueles que sofrem, o que irá gerar o amor pelos carentes e o desejo de cuidar deles. Não é simplesmente uma ajuda social, mas é reflexo do amor de Deus que habita no coração do homem.

Outro ponto que podemos abordar sobre o Reino de Deus na Terra, é que ele possui duas dimensões, um material ou presente e outra espiritual ou vindoura. O aspecto material ou presente do Reino de Deus é observado quando Jesus vai ao encontro das mazelas da sociedade e proporciona alívio por meio da cura e

libertação. Esta vertente material de Reino de Deus apresentada por Cristo foi claramente demonstrada pelo evangelista Lucas, quando este faz diversas referências ao cuidado de Jesus com os pobres, os doentes, as mulheres, as crianças, os publicanos, os leprosos, os mendigos. A vertente espiritual ou vindoura é a manifestação futura do Reino de Deus no final dos tempos, ou seja, quando todo o mal for expurgado do Universo e for inaugurado o que o apóstolo João no livro de Apocalipse chama de “Novo Céu e Nova Terra”, um novo espaço cósmico onde Deus viverá para sempre com o povo que Ele escolheu. Desse modo, podemos considerar que enquanto aspecto material, o Reino de Deus existe na Terra e se manifesta no meio das pessoas. Com efeito,

Reino de Deus que Cristo anuncia não é libertação deste ou daquele mal, da opressão política dos romanos, das dificuldades econômicas do povo ou só do pecado. Reino de Deus não pode ser privatizado a este ou àquele aspecto: ele abarca tudo, mundo, homem e sociedade; a totalidade da realidade deve ser transformada por Deus. Daí a frase de Cristo: “O Reino de Deus não vem de tal forma que a gente possa contar com ele. Nem se poderá dizer: Ei-lo aqui ou ali, porque o Reino de Deus está dentro de vós” (Lucas 17,21). Esta difícil expressão “o Reino de Deus está em vosso meio” significa, segundo a mais recente exegese: “a nova ordem introduzida por Deus está à vossa disposição. Não pergunteis quando no futuro será estabelecida. Não corrais por isso daqui ou dali, como se o Reino de Deus estivesse ligado a algum lugar. Antes, decidi-vos e engajai-vos por ele. Deus quer ser vosso senhor. Abri-vos à sua vontade. Deus espera por vós especialmente agora. Preparai-vos e aceitai essa última oferta de Deus.” Reino de Deus, como transparece, implica dinamismo, notifica um acontecimento e exprime a intervenção de Deus já iniciada, mas ainda não totalmente acabada. Por isso que Cristo ao pregar e presenciar o Reino nos ensina a rezar: “venha a nós o vosso Reino” (Lc 11,2; Mt 6,10) (BOFF,2012, p.45)

Uma das principais características do Reino de Deus é esse dualismo presente/futuro, que ainda era muito incompreendido por todos que ouviam Jesus, pois Israel esperava e ainda espera nos nossos dias a manifestação do Messias conquistador que irá restaurar a antiga glória da nação. Não existe um aspecto material ou presente no Reino messiânico segundo a visão judaica. O Messias virá e irá estabelecer o Reino de Deus.

A igreja cristã de nossos dias também comete equívoco ao enfatizar a vinda futura do Reino de Deus sem levar em conta o aspecto material e as implicações do

Reino de Deus na Terra, levanta os olhos para o céu e esquece de olhar para quem sofre ao lado.

Igualmente pernicioso é a ênfase no lado material do Reino de Deus e esquecer do ápice deste Reino, da manifestação completa dele, onde Jesus irá expurgar todo o mal e finalmente poderemos viver em um mundo sem pecado, sem dor, sem sofrimento. Negar a expectativa do céu reduz a esperança do cristão a apenas esta vida, de modo que, segundo tal ponto de vista, tudo se resume ao aqui e agora. Com isso não há necessidade de procurar sermos bons, visto que não existiria mais nada para além da morte. Por conseguinte,

O Reino de Deus não é apenas futuro e utopia; é um presente e contra concretizações históricas. Por isso deve ser pensado como um processo que começa no mundo e culmina na escatologia final. Em Jesus encontramos a tensão dialética sustentada adequadamente: por um lado, a proposição de um projeto de total libertação (Reino de Deus) e, de outro, mediações (gestos, atos, atitudes) que o traduzem processualmente na história. Por um lado o Reino é futuro e há de vir, e de outro lado, é presente e está perto. (BOFF,2012, p. 26).

O Reino de Deus somente pode ser considerado como tal quando temos consciência da existência destes dois aspectos, presente e vindouro, de maneira que a partir da aglutinação deste dualismo que podemos entender a missão integral da igreja para a atualidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a igreja militante de Jesus Cristo nos últimos dias tem uma missão muito especial designada por Jesus Cristo, que é o anúncio do evangelho a toda criatura. Mas não um evangelho restrito a um discurso e sim um evangelho que se manifeste em ações concretas, que apresente a obra de Jesus Cristo de maneira integral. Em Lc 10,25-37, Jesus ensina sobre a famosa parábola do bom samaritano para ilustrar a relevância de praticar o amor ao próximo. Ora, Jesus usa a figura de um desprezado pela sociedade judaica para mostrar que este está mais perto da salvação porque entendeu de fato a essência da lei, que é o amor, enquanto que a

classe elitista do sacerdote e do levita não tinha tempo a perder com um pobre coitado, estavam muito ocupados tentando ser santos e fecharam os olhos para a necessidade do próximo, desse modo todo o rigor em cumprir a lei era inútil porque não entenderam a verdadeira ideia central da lei: Amor a Deus e ao próximo. Que o presente artigo sirva de inspiração para que as pessoas possam praticar o amor de Deus por meio do cuidados dos necessitados, que é aspecto fundamental do Reino de Deus manifesto na Terra.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. **Nova Almeida Atualizada**, 2017. Disponível em: <http://www.sbb.org.br/conteudo-interativo/pesquisa-da-biblia/>. Acesso em: 25 out.2018.

BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo**. Petrópolis:Vozes,2012.

CASALEGNO, Alberto. **Pobreza e riqueza no evangelho de Lucas**. Perspectiva Teológica, v. 20, n. 50, 1988. Disponível em: <<http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1686>>. Acesso em: 25 out.2018.

HOEFELMANN, Verner. **A missão de Jesus e a missão da comunidade no Evangelho de Lucas e em Atos dos Apóstolos**. Estudos Teológicos, v.28, n.1, p.71 - 98, 1988. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/artcle/view/1144>. Acesso em: 25 out.2018.

MACHADO, Jonas. **Jesus - profeta milagreiro dos necessitados**. Revista Teológica, [S.l.], n. 7, mar. 2016. ISSN 1676-2509. Disponível em: <<http://www.teologica.net/revista/index.php/teologicaonline/article/view/41>>. Acesso em: 25 out. 2018.

PERANI, Cláudio. Pobres e ricos. **Cadernos do CEAS**: Revista crítica de humanidades, n. 233, p. 150-156, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/72>>. Acesso em: 25 out. 2018.